

O PAPEL DO JORNAL EL MERCÚRIO NA DITADURA MILITAR CHILENA

RESUMO

Conhecido pela sua linha editorial conservadora perante aos demais jornais chilenos, El Mercurio tornou-se uma peça chave para a execução do regime militar de Augusto Pinochet, demonstrando total apoio às atitudes do general durante os 17 anos de governo. O artigo resumirá a história do periódico, para que assim, abordar a sua atuação durante o Regime Militar, consolidando o mandato de Pinochet como um dos mais sangrentos das Ditaduras Sulamericanas. O principal objetivo deste trabalho será analisar a influência do jornal El Mercurio para a formação da opinião pública (conceito estudado na cadeira de Teorias do Jornalismo), imposta pela sociedade burguesa do país para a população chilena, com o objetivo de informar que as atitudes governamentais eram as corretas.

PALAVRAS CHAVE: Agustin Edwards, Augusto Pinochet, Chile, CIA, Ditadura, El Mercurio, Opinião Pública e Regime Militar.

INTRODUÇÃO

Tratar a respeito da influência do jornal El Mercurio na construção da ideologia dominante e na formação da opinião pública, tendo como pano de fundo o regime militar chileno, implantado no dia 11 de setembro de 1973 e que teve seu término em março de 1990. O contexto abordado resultou na morte de 40.280 pessoas, conforme relatório da Comissão Valech de 2004, bem como no encarecimento de ensino, desemprego elevado e alto índice de endividamento. Mesmo com os aspectos citados, somados ao crescimento de manifestações populares contrárias ao regime militar, o governo de Augusto José Ramón Pinochet Ugarte possuía uma base considerável de partidários.

Como em todo país que está vivenciando um período antidemocrático, certos veículos da mídia tornam-se bases essenciais para a construção de um pensamento similar ao opressor. No caso do Chile, o periódico El Mercurio, dono de uma linha editorial conservadora, tornou-se um declarado aliado do governo militar.

Para entender como se chegou a este cenário, precisa-se contextualizar os últimos anos do Chile. A eleição presidencial de 1970 teve a vitória do político Salvador Guillermo Allende Gossens, candidato da chapa chamada Unidade Popular. Com ideias socialistas, Salvador Allende planejava realizar as transformações de caráter da ideologia em uma estrutura política burguesa. O socialismo atuaria como uma continuidade do crescimento das liberdades políticas

na democracia liberal chilena, nacionalizando as principais empresas monopolistas. O início do mandato trouxe frutos positivos para Allende, que via o seu eleitorado satisfeito com as medidas e a cordialidade da oposição. Entretanto, a crise econômica, presente na década anterior, retornou ao país sulamericano de uma maneira irreversível. Uma pequena parte do setor de bens de consumo popular era controlado pelo governo, que não conseguia assegurar um normal abastecimento ao povo. Este caso foi explorado pela burguesia, que passou a sabotar o mercado interno e iniciou um golpe na política econômica presente. Também, é necessário citar o bloqueio financeiro internacional propiciado pelos Estados Unidos, fechando fontes de crédito e dificultando os fluxos comerciais com o Chile. Em um cenário de Guerra Fria, o governo norte-americano de Richard Nixon temia uma possível aliança entre Allende com a União Soviética. Além das posições políticas do então presidente chileno, uma amizade entre ele e o primeiro-ministro cubano Fidel Castro acendeu um alerta maior ainda para o país estadunidense. A interferência norte-americana, que já havia tentado evitar o mandato de Salvador Allende anteriormente, foi o resultado de operações secretas da CIA no Chile, divulgadas apenas em 2006, após mais de três décadas do golpe militar chileno e dois anos da morte do ditador Augusto Pinochet. A atuação dos Estados Unidos contribuiu para que a oposição mostrasse a sua força e executasse o seu plano.

Outra decisão essencial para tal evento histórico, aconteceu quando Allende promoveu Pinochet a comandante-chefe das Forças Armadas, substituindo Carlos Prats. A decisão se deu para que houvesse uma relação direta do governo com o oficial mais representativo da oficialidade militar. Esta atitude, movida ao desespero de Salvador Allende, se transformaria em um arrependimento irreparável no dia 11 de setembro de 1973.

Durante esse período, ainda houve uma ação frustrada de uma atrocidade que aconteceria menos de três anos antes do derradeiro momento. Na manhã da sexta-feira, 29 de junho, a população acordou com uma notícia que surpreendeu apenas aos alienados pela política nacional: dezesseis tanques de guerra se dirigiram pelas ruas da capital Santiago em direção ao Palacio de La Moneda, principal sede da Presidência da República chilena, para executar um golpe de estado. A tentativa, liderada por Carlos Prats, não se concretizou, transformando em um fracasso histórico. O episódio, conhecido como *Tanquetazo* ou *Tacnazo*, deixou vinte e dois cidadãos mortos e trinta e dois feridos. Apesar de uma vitória para a democracia, o sinal de que o regime político vivia em uma crise, estava ligado.

Porém, só foi realmente percebido em uma terça-feira, no dia 11 de setembro de 1973.

Naquela data, haveria um discurso de Allende através de uma cadeia de rádio e televisão, sobre o processo de conciliação de seu governo com o lado democrático da oposição (partido Democracia Cristã). A tentativa, que evitaria o arquitetado golpe militar, não chegou a ser concretizada. Por volta do meio-dia, o Palácio de La Moneda, foi bombardeado pelas Forças Armadas, sob liderança de Augusto Pinochet. As imagens registradas nesta terça-feira percorreram o mundo e se transformaram em uma derrota histórica para a democracia chilena. A morte de Salvador Allende, escondido dentro do Palácio, simbolizou o início de um novo período na história chilena, dessa vez, marcado pela brutalidade e violência, especialmente para a imprensa chilena.

Os veículos jornalísticos passaram a conviver com uma forte censura imposta pelos militares, sendo que muitos sofreram repreensões e danos profissionais e pessoais. Como citado anteriormente neste presente artigo, o jornal El Mercurio obteve um caminho oposto, notabilizando um apoio massivo ao governo de Pinochet.

DESENVOLVIMENTO

Fundado em doze de setembro de 1827, o El Mercurio é um jornal com extrema influência e importância histórica chilena. Os fundadores do veículo foram Pedro Félix Vicuña (político), Thomas G. Wells e Ignácio Silva (linotipista). Inicialmente, El Mercurio não possuía nenhum lado ideológico, alcançando um certo reconhecimento por parte dos cidadãos chilenos.

Após diversas negociações em 1884, o jornal foi comprado pelo empresário e político Agustín Edwards Ross, proprietário do grupo empresarial Agustín Edwards, corporação com viés declaradamente liberal e que tinha fortes ligações com o conservadorismo chileno. A visão política e o poderio econômico dos Agustín Edwards transformaram a linha editorial, demonstrando um claro apoio ao conservadorismo, além de um combate às pautas consideradas “progressistas”, tais como: o crescimento do sindicalismo no início do século XX, aumento da alfabetização e a diminuição da extrema pobreza chilena. A filosofia de trabalho de seguir uma linha de pensamento ideológico, adotada por diversos veículos ao redor do planeta há séculos, tornou-se cada vez mais comum no país do continente sulamericano, sendo que o El Mercurio é considerado pioneiro.

Essa atuação do El Mercurio se fez presente durante os governos da coalizão Frente Popular em 1938, na qual iniciou um período de 14 anos sob mandatos de políticos ligados ao espectro político da esquerda. Em um momento na qual a mídia escrita exercia importante influência na população chilena, surgiram jornais mais imparciais e democráticos que o destacado, credenciando como a voz da sociedade nacional direitista, tornando contrário às possibilidades de reformas no Chile e buscando uma interferência política, alcançada mais de 30 anos depois.

A eleição presidencial do socialista Salvador Allende em 1970 simbolizou o início de um período novo. A vitória surpreendente de um candidato marxista em um país dominado pela social-democracia, trouxe uma considerável divisão entre a imprensa do país: de um lado, jornais e revistas pertencentes a grupos empresariais e de outro, veículos ligados a partidos políticos. El Mercurio pertencia ao primeiro grupo, considerado o veículo mais importante do segmento. Desde o primeiro momento, o jornal não reconheceu a vitória do candidato da Unidade Popular. Esta realidade foi relatada no documentário El Diario de Agustin, lançado em 2008 pelo diretor chileno Ignacio Aguero. Como afirma o sociólogo e cientista político chileno Manuel Antonio Garretón em sua participação na obra documental: “El Mercurio entendeu que era o fim da sociedade oligárquica chilena. Isto levou a ser um jornal não só anti-Allende mas anti-democrático. Um jornal golpista. E uma vez que justificou e promoveu o golpe, teve que defender toda a violação de Direitos Humanos que se seguiu”.

Após a vitória presidencial de Allende, Agustin Edwards viajou à Washington D. C., capital federal dos Estados Unidos da América para participar de uma reunião urgente com o presidente estadunidense, Richard Nixon e representantes da Central Intelligence Agency (CIA). Durante o encontro, o chefe do Poder Executivo mostrou-se preocupado com o atual cenário chileno, a chegada da “ameaça comunista” no país e uma possível aliança com países do bloco da esquerda radical, visto que Salvador Allende era um amigo próximo de Fidel Castro. Sabendo da importância nacional e jornalística adquirida pelo jornal El Mercurio no Chile, bem como na linha editorial republicana do veículo, os órgãos estadunidenses perceberam que El Mercurio poderia ser um forte combatente ao plano de governo da Unidade Popular e um intermediário para que os Estados Unidos soubesse da situação do país e contribuísse para a execução do golpe. De acordo com a Comissão Church de 1975, a CIA investiu uma quantia de U\$\$ 1,5 milhão para o El Mercurio nos três anos seguintes. Depois do golpe militar, a Central de Inteligência reconheceu a

importância do veículo para tal acontecimento, agradecendo-os pelo trabalho realizado.

A ajuda financeira trouxe perspectivas positivas para o jornal. Antes da reunião, enfrentava recorrentes crises econômicas, graças à administração insuficiente de Agustin Edwards, bem como na diminuição de receitas publicitárias nas páginas, problemas no fluxo de caixa, descumprimento de normas trabalhistas e a escassez na produção da impressão das edições. A posse de um presidente socialista também poderia afetar o El Mercurio, visto que antes do início do mandato de Allende, já era criticado por ser uma espécie de agente interno a prejudicar o futuro governante. Esta ressalva fez com que setores da Unidade Popular e de outras partidas esquerdistas pedissem para que Salvador Allende tivesse uma ação mais ofensiva contra o jornal.

Passadas semanas depois do resultado final da eleição, foi criada uma campanha internacional, defendendo a liberdade de imprensa do Chile. Sob o argumento da democracia, foi emitida uma nota abordando que o El Mercurio estava sofrendo um processo de censura, além de uma preocupação sobre o cenário jornalístico chileno. Esta iniciativa foi criada pela *Sociedade Interamericana de Imprensa*, organização que teve o periódico como primeiro veículo chileno a incorporá-la e que Agustin Edwards foi importante colaborador e ex-presidente. Este apoio se refletiu na mídia estadunidense, que declarava defesa ao El Mercurio e também mostrava-se preocupada pelo Chile.

A linha editorial conservadora e contestadora ao espectro político da esquerda, se fez presente desde os primeiros dias do mandato de Salvador Allende. Duas palavras mostraram presentes em suas edições, especialmente em letras garrafais na capa: anticomunismo e antimarxismo. Entende-se essas palavras como contrárias aos ideais comunistas, então devem ser escritas com base em um conhecimento dos seus significados e nos acontecimentos diários. A palavra mais reproduzida era antimarxismo, que carrega no seu significado a noção de igualdade entre os cidadãos. As ações do governante chileno que trouxeram benefícios aos grupos minoritários do país (principalmente as mulheres e a classe média baixa), eram informadas com a palavra em destaque. Sendo assim, tanto anticomunismo, como antimarxismo foram escritas diversas vezes com o claro intuito de desinformar e amedrontar o cidadão chileno, trazendo um repúdio das elites ao governo da Unidade Popular. Por isso, foi adotada uma linguagem mais popular em suas edições (especialmente nos editoriais), ao invés de um vocabulário rebuscado, utilizado por

diversos veículos jornalísticos. A fixação por estas palavras era uma estratégia do jornal para mostrar ao seu público-alvo o perigo que elas possuíam.

Exemplo a ser destacado aconteceu na edição da segunda-feira, 22 de agosto de 1973. Um grupo de seis integrantes do Partido Nacional realizou uma manifestação no Centro da Capital Santiago, a favor da greve de donos de empresas de transportes. Os jovens foram atacados por guardas policiais que utilizaram de suas forças, para conter o comportamento dos militantes. As agressões sofridas geraram uma revolta no ambiente da redação do El Mercurio, responsável por descrever a polícia como “brigadas comunistas” e “baleados por elementos extremistas”. A aversão a violência policial e o apoio aos manifestantes, elementos significativos na construção dessa edição, se tornou peculiar perante às demais publicações, conhecidas por abordar o jornalismo sensacionalista, desconexo da realidade, aliado aos grandes interesses burgueses, em especial ao governo de Richard Nixon. Esta matéria trouxe uma sensação de medo para os seus ávidos leitores: o Chile estava invertido. Aqueles que tinham como objetivo proteger o cidadão chileno de bons valores e costumes, estava-o atacando e a descrição sobre o acontecimento gerou um sentimento de pânico, mostrando que a solução viria de algo maior que um simples protesto.

A defesa pela democracia, defendida pelo jornal no episódio dos integrantes da ala jovem do Partido Nacional, não foi abordada no derradeiro 11 de setembro de 1973, responsável pelo golpe militar de Salvador Allende. O acontecimento foi noticiado na edição do dia 13 (não houve circulação de jornais no Chile no dia 12), tratando o fato como revolucionário e responsável por “livrar o Chile da ameaça comunista global”. Com o título “Junta Militar Controla el País” como matéria principal, a imagem principal trazia quatro militares, incluindo Pinochet. Em menor destaque, a morte de Allende também teve seu espaço. Intitulada “Murió Allende”, a matéria abordava o acontecimento de uma maneira fria, sem trazer o enfoque que a imagem do político possuía para o momento. Todavia, a seção que definitivamente marcou a edição e sinalizava o caminho seguido pelo jornal nos próximos anos, foi o editorial publicado na capa. Com o título “Hacia la Recuperación Nacional”, o texto procurou justificar o ocorrido, defendendo que o controle supremo dos militares era a única maneira de responder à “quebra constitucional”, promovida pela Unidade Popular e libertar o Chile da “ditadura marxista”. O ataque aos supostos inimigos estrangeiros também foi citado no editorial, alegando que haviam representantes das “ideologias malignas” e “guerrilheiros” infiltrados no país.

Ainda naquele histórico 11 de setembro, a Junta Militar formalizou um decreto sobre como seria o funcionamento dos grupos de comunicação chilenos. A censura aos veículos de imprensa, principal meio usado pelos regimes militares para impedir a realização do jornalismo sério, foi o principal foco dessa ordem. Este aviso também foi imposto para o El Mercurio, que teve a convivência de um censor militar vigiando as suas dependências. A observação terminou em aproximadamente uma semana, deixando o jornal livre para as publicações. O fechamento dos demais veículos chilenos, restringiu o acesso à informação no país, tornando o El Mercurio como principal referência na Ditadura Militar. Assim como nos demais países, afetou o trabalho e a vida de diversos jornalistas, que utilizavam o profissionalismo e a luta pela liberdade como base em suas metodologias. Dessa forma, ficou definido que “de acordo com as disposições do lado emitidos até agora e porque o país está em Estado de Sítio, foi disposto a exercer estrita censura à imprensa nos meios de publicação”. Os únicos veículos citados no decreto, autorizados para publicações diárias inicialmente foram La Tercera e o El Mercurio. Segundo a ordem do Poder Executivo, ambos “não feriam os bons costumes e valores nacionais”.

O grupo de Agustin Edwards teve um crescimento considerável de popularidade no período, graças ao financiamento da CIA e o apoio do governo militar, que teve textos de seus representantes publicados em edições posteriores. Os fortalecimentos dos veículos conservadores reforçam que a teoria do gatekeeping (criada pelo psicólogo alemão Kurt Lewin e estudada na aula de Teorias do Jornalismo) é de importância crucial para entender as atuações dos periódicos como possíveis assessorias de imprensa do governo. Esta hipótese pressupõe que as informações, notícias ou conteúdos passam por um filtro, representado metaforicamente por um "portão" (gate, em inglês), antes de serem divulgados ao público. Sendo assim, a audiência recebe uma variedade de informações que ajudam a formar um raciocínio sobre o assunto em questão. As criações de realidades sociais com base nas linhas editoriais conservadoras, interferência de agentes externos (no caso do El Mercurio) e a sociedade burguesa chilena, fizeram com que uma parcela da população mais despolitizada pensasse que o país estaria no caminho certo, eliminando os inimigos e voltando aos áureos tempos. O domínio da elite sobre os meios de produção e as opções de entretenimento, somadas à rotina diária do trabalhador médio chileno (imposta pelos detentores do país durante o capitalismo financeiro) tinha um claro objetivo: fazer com que os chilenos concordassem com as ações e valores, só que ao mesmo tempo, esquecesse da

realidade para viver suas vidas normalmente, graças ao surgimento de filmes e músicas para a tradicional família. A maneira de se conectar com os acontecimentos diários seria pela comunicação governamental, sob comunicados oficiais transmitidos por canais de televisão e nas emissoras de rádio. De forma óbvia, tratam-se de veículos conhecidos pelo governo de Augusto Pinochet e que não tivessem sofridos censuras durante o período.

Nenhum dono tinha tanto poder financeiro e conhecimento político como Agustín Edwards, que buscava fazer com o que *modus operandi* fosse concretizado. A experiência de morar nos Estados Unidos contribuiu para a força de Agustín e de seu conglomerado midiático, como comentou Dimas Romiani na resenha sobre o livro *Agustín Edwards Eastman: una biografía desclasificada Del dueño de El Mercurio*, escrito pelo jornalista e pesquisador Victor Herrero Aguayo. “O contato privilegiado com a elite intelectual, econômica e política norte-americana seria uma faceta duradoura na forma de estabelecer vínculos e compromissos com os interesses estratégicos norte-americanos no Chile e na América Latina”. A ligação entre o empresário e o governo de seu país era tamanha, que em certo momento, o grupo de Edwards estava prestes a declarar falência, quando recebeu uma ajuda de Pinochet. O ditador resolveu anistiar uma importante parcela do endividamento de El Mercurio junto com o Banco do Estado. A atitude foi pensada em uma medida a médio/longo prazo, porque a questão financeira do jornal de Agustín, além de fortalecer o periódico, também defenderia o governo em diversas ocasiões tomadas, especialmente no período de crises causadas por um discurso neoliberal, que levou a altas taxas de desemprego e a desigualdade social. Revoltados pela situação da pátria desde 11 de setembro de 1973, a parte progressista da população chilena começou a reagir as atitudes de Augusto Pinochet e seus governados. As respostas do Poder Executivo foram ações comuns nos demais regimes militares: execuções e desaparecimentos forçados, exílio, repressão de liberdades civis, destruição de partidos/movimentos políticos e torturas. O principal local destinado a esta prática foi o Estádio Nacional, localizado na capital Santiago. O estádio sede de grandes clubes chilenos como Colo-Colo e Universidad de Chile, palco da sétima edição da final da Copa do Mundo da FIFA, transformou-se em um lugar sombrio e amaldiçoado para milhares simpatizantes da esquerda ou apoiadores da retomada da democracia. O impacto social e psicológico que este patrimônio do país teve durante o período foi informado sem restrições jornalísticas por muitos veículos globais da imprensa tradicional e digital até o ano da produção deste artigo acadêmico, quando completou

50 anos da execução do golpe militar. Assim como o episódio relatado dos manifestantes da Juventude da Unidade Popular nas primeiras páginas deste trabalho, as palavras “comunistas” e “marxistas” foram publicadas nas edições posteriores, dessa vez, em relação às mortes ocorridas no principal estádio chileno. Enquanto naquela matéria foram utilizadas para descrever e ofender os agressores (a Polícia Carabineira do Chile) os jovens direitistas, no outro caso, foram para caracterizar os manifestantes, que sofreram aquelas torturas e as demais execuções criminais.

A cientista política alemã Elisabeth Noelle-Neumann destaca na sua obra *A Espiral do Silêncio. Opinião Pública: Nosso Tecido Social* que a influência da mídia na opinião pública atinge o ápice quando as versões da realidade estão de acordo umas com as outras. Por muitos anos, a censura imposta na imprensa liberal chilena resultou em uma limitação da diversidade de opiniões e na proibição da divulgação de perspectivas alternativas. Em uma década marcada com a forte presença dos meios tradicionais na comunicação, a maioria dos chilenos estava propensa a formar um pensamento ideológico fidedigno ao desenvolvido pelas páginas do *El Mercurio*.

CONCLUSÃO

A atuação do jornal *El Mercurio* na Ditadura Militar chilena reforça a tese de que há empresas jornalísticas que contribuem para a opinião pública da população geral. Os interesses podem ser diversos, mas em ampla maioria, acontecem por motivos políticos, como no caso do veículo estudado. A ligação com o conservadorismo conquistada após ser adquirido pelo grupo Edwards nas décadas anteriores ao golpe, foi essencial para uma forte relação do então dono, o empresário Agustin Edwards, com influentes representantes da burguesia chilena e mundial.

Em um período no qual duas forças antagônicas dominavam o cenário econômico e ideológico do planeta (o capitalista Estados Unidos e a comunista União Soviética), o país norte-americano sofreu receio de uma possível implantação do comunismo no Chile e percebeu que o papel da mídia seria essencial. Dentre os veículos do país, o mais voltado a agenda neoliberal em sua essência era o *El Mercurio*. A opinião pública baseou-se nos interesses privados e políticos chilenos e mundiais, que reforçaram o fator financeiro e sua influência perante às demais empresas jornalísticas. Uma grande parcela da imprensa tradicional não realiza um

jornalismo sério e comprometido com a verdade, como costumam informar em seus programas especializados. A interferência partidária, governamental e comercial é recorrente e descredibiliza carreiras de jornalistas e principalmente, grupos comunicacionais. As duas primeiras interferências citadas estiveram presentes nas páginas do El Mercurio durante os quase vinte anos de regime militar chileno e ajudaram a formar a opinião pública de uma parcela considerável do povo daquela nação, que até hoje, elogia as atitudes e a figura de Augusto Pinochet.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SADER, Emir. **Democracia e Ditadura no Chile**. Porto Alegre: Brasiliense, 1984.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Vol. 1. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

HABERNAS, Jürgen Habernas. **Mudança Estrutural: Investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa**. São Paulo: UNESP, 2014.

CT, Editor. Chile 11 septiembre de 1973: Los chilenos más buscados por los golpistas. **Correo de los Trabajadores**. 10 set. 2018. Disponível em <https://cctt.cl/2018/09/10/chile-11-septiembre-de-1973-los-chilenos-mas-buscados-por-los-golpistas/>. Acesso em 10/11/2023.

KNOLL, Travis. Dono do jornal chileno El Mercurio admite ter feito contato com a CIA antes do golpe contra Allende. **LatAm Journalism Review**. 11 out, 2013. <https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/dono-do-jornal-chileno-el-mercurio-admite-ter-feito-contato-com-a-cia-antes-do-golpe-contra-allende/>. Acesso em 09/11/2023

SANTOS, Emmanuel dos. **Imprensa e poder político no Chile: o governo da Unidade Popular e os jornais El Mercurio e La Nación (1970-1973)**. Belo Horizonte: UFMG, 2018.